



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS E CURRÍCULO**  
**CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC**

**O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PROPONDO A  
LEITURA DE MUNDO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

**ELISABETH CRISTINA DANTAS DE ARAÚJO**

**NATAL – RN**  
**FEVEREIRO – 2019**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS E CURRÍCULO  
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PROPONDO A  
LEITURA DE MUNDO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

DISCENTE: ELISABETH CRISTINA DANTAS DE ARAÚJO  
ORIENTADOR: PROF<sup>o</sup>. DR. PABLO SEBASTIAN MOREIRA FERNANDEZ

Artigo apresentado ao Curso de  
Licenciatura em Pedagogia – modalidade  
presencial – como requisito parcial para  
obtenção do grau de Licenciada em  
Pedagogia.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Central Zila Mamede

Araújo, Elisabeth Cristina Dantas de.

O estudo do meio no ensino de geografia: propondo a leitura de mundo nos anos iniciais do ensino fundamental / Elisabeth Cristina Dantas de Araújo. - 2019.

23f.: il.

Artigo (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Departamento de Práticas Educacionais e Currículo, Licenciatura Plena em Pedagogia. Natal, 2019.

Orientador: Dr. Pablo Sebastian Moreira Fernandez.

1. Ensino de Geografia - Artigo. 2. Ensino Fundamental - Artigo. 3. Estudo do Meio - Artigo. I. Fernandez, Pablo Sebastian Moreira. II. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 37.016:91

O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PROPONDO A  
LEITURA DE MUNDO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

ELISABETH CRISTINA DANTAS DE ARAÚJO

Artigo apresentado ao Curso de  
Licenciatura em Pedagogia – modalidade  
presencial – como requisito parcial para  
obtenção do grau de Licenciada em  
Pedagogia.

Aprovada em 11 de dezembro de 2018.

---

PROF. DR. PABLO SEBASTIAN MOREIRA FERNANDEZ  
(Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Professor do Departamento  
de Práticas Educacionais e Currículo – UFRN)  
ORIENTADOR

---

PROF<sup>a</sup> DR. RAIMUNDO NONATO JUNIOR  
(Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Professor do Departamento  
de Práticas Educacionais e Currículo – UFRN)  
AVALIADOR

---

PROF<sup>a</sup> DR. FRANCISCO CLAUDIO SOARES JUNIOR  
(Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Professor do Departamento  
de Práticas Educacionais e Currículo – UFRN)  
AVALIADOR

O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PROPONDO A  
LEITURA DE MUNDO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Elisabeth Cristina Dantas de Araújo<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

<sup>1</sup> Email: [elisabetharaujocda@gmail.com](mailto:elisabetharaujocda@gmail.com)

Dedico esse estudo a todos aqueles que, assim como eu, mantêm viva a esperança de que através da educação contribuimos para a construção de um futuro melhor, digno e humano, começando por nossa sala de aula. Que nunca nos falte coragem para lutar pelo que acreditamos.

## AGRADECIMENTOS

- Em primeiro lugar minha gratidão à Deus, por ser força, abrigo e luz. Por permitir que eu chegasse até aqui, apesar de todas as adversidades que a vida me proporcionou ao longo da minha caminhada terrena.
- À Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na qual desenvolvo estudos desde o ano de 2009, quando ingressei em minha primeira licenciatura. De lá até aqui, inúmeros foram os aprendizados e as oportunidades ofertadas e aproveitadas.
- Aos meus pais, Edna e Ribamar, e ao meu irmão Diego, por me acolherem por toda uma vida, me devotando amor, carinho, respeito e compreensão, sendo abrigo nas horas difíceis e alicerce para a realização de todos os meus sonhos. Nada disso seria possível sem o incentivo, a paciência e os conselhos de vocês. Demorarei muitas vidas para agradecer tamanho amor e renúncia.
- Aos meus avós maternos, Marinalva e Edival, por terem me permitido crescer em um ambiente saudável, cercado de amor, atenção, cuidado, respeito ao outro e aos seus diversos saberes. Por me ensinarem valores e princípios que levarei comigo a vida inteira, e por terem me apoiado em minhas escolhas, estimulando desde muito cedo o meu sonho de tornar-me professora.
- À Lucas Oliveira, por sua enorme paciência, pelo apoio e respeito com as minhas escolhas pessoais e profissionais, com as horas de ausência e pela compreensão nos momentos de medo e insegurança. Apenas obrigada não é suficiente para agradecer tamanho amor, companheirismo e fidelidade.
- À Irilene e Ricardo Oliveira, pelo carinho, respeito, acolhimento, apoio e incentivo, e por comemorarem comigo cada etapa dessa e de tantas outras trajetórias.
- Aos meus amigos, por perdoarem todas as minhas ausências em detrimento das atribuições da universidade e do trabalho, e por acreditarem no meu êxito.
- Ao Prof<sup>o</sup> Dr. Pablo Fernandez, orientador, amigo e incentivador dessa temática tão cheia de subjetividades e encantamentos. Obrigada por acreditar que daria certo e me acolher nesse momento final do curso.
- Aos professores do Curso de Licenciatura em Pedagogia Natal, sem os quais jamais poderia ter cumprido essa etapa da minha vida acadêmica. Seus ensinamentos e conselhos foram essenciais para a construção da Pedagoga que estou me tornando.

- Aos colegas da minha turma inicial no curso, em especial Marília Pacheco, José Moreira e Arthur Beserra, meu grupo de trabalhos acadêmicos e amigos que levo em minha vida até hoje.
- Da mesma forma, agradeço aos alunos da turma de Pedagogia 2016.1 Vespertino, que me acolheram de maneira ímpar no meu retorno pós mestrado. À Amanda Fhilladélfia, Clara Capistrano, Daniele Silva, Débora Martins, Suellen Alves, Suzana Sena e Vanessa Benigno, meus mais sinceros agradecimentos por essa parceria e amizade, incrivelmente construída e alimentada por muitas xícaras de café na cantina do setor V.
- Aos meus alunos, por serem a razão para que eu queira constantemente melhorar em minha atuação, buscando novas formas de fazê-los aprender sobre as coisas do mundo.

Por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram direta e indiretamente com o desenvolvimento desse estudo, seja através de incentivo, dados e informações, apoio logístico e emocional. Ninguém vence etapas sozinho, por isso sou eternamente grata a quem se propõe a caminhar comigo.



**RESUMO:** Para o Ensino da Geografia, despertar no aluno o interesse e a possibilidade de enxergar o mundo através de suas concretudes e subjetividades, se torna condição essencial para formar um indivíduo que vê no mundo a materialização do que se aprende também no espaço escolar, e assim contribuir para a ressignificação de conceitos e novas aprendizagens. Nessa tarefa de ensinar a ler o mundo, a Geografia de maneira privilegiada, dispõe de inúmeros caminhos (teóricos e metodológicos) para fazê-lo de maneira ímpar, sendo um deles o Trabalho de Campo, que ao ser transposto ao do Ensino da Geografia passa a ser denominado de Estudo do Meio. Nesse sentido, o texto que ora se apresenta é resultado de reflexões construídas durante a disciplina de Ensino de Geografia I do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e tem como objetivo discutir as contribuições trazidas pelo Estudo do Meio na construção dos conhecimentos relacionados à Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. O estudo se ampara em autores da Geografia e da Pedagogia, assim como nos documentos oficiais da educação – Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental (BRASIL, 2018).

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de Geografia; Estudo do Meio e leitura do mundo; Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

**ABSTRACT:** For Geography Teaching, awaken in the student the interest and possibility of seeing the world through its concreteness and subjectivities, becomes an essential condition to form an individual who sees in the world the materialization of what is also learned in the school space, and thus contribute to the re-signification of concepts and new learning. In this task of teaching to read the world, Geography in a privileged way, has innumerable ways (theoretical and methodological) to do it in a unique way, being one of them the Field Work, that when being transposed to that of the Geography Teaching happens to be denominated Study of the Environment. In this way, the text presented here is the result of reflections built during the subjects of Geography Teaching I of Pedagogy Graduation of the Universidade Federal do Rio Grande do Norte and aims to discuss the contributions brought by the Study of the Environment in the initial years of Elementary School. The study is based on authors of Geographic and Pedagogy, as well as on the official documents of education – Parâmetros Curriculares Nacionais (National Curricular Parameters, BRAZIL, 1998) and the Base Nacional Comum Curricular for Elementary School (National Curricular Common Base, BRAZIL, 2018).

**KEY-WORDS:** Geography Teaching; Study of the Environment and reading the world; Beginner Years of Elementary School.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	11
O ESTUDO DO MEIO COMO CAMINHO AO ENSINO DE GEOGRAFIA. ....	14
PENSAR O ESPAÇO DA CIDADE A PARTIR DE UM ESTUDO DO MEIO. ...	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	21
REFERÊNCIAS.....	22

*Parafrazeando Alberto Caeiro, digo que as crianças são de novo nascidas a cada momento para a eterna novidade do mundo: mundo sempre novo, diferente, surpreendente, fantástico, assombroso, incrível, desafiante. “Decifra-me ou devoro-te!”. E as crianças, como Édipo diante do desafio da esfinge, se põem a decifrar o mundo... (Rubem Alves)*

*“A leitura do mundo precede a leitura da palavra. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo” (Paulo Freire).*

## **INTRODUÇÃO**

Inspirados nas palavras de Rubem Alves e Paulo Freire, podemos afirmar que, ensinar Geografia é também uma forma de ensinar a ler o mundo. Ler o mundo não apenas através do que é possível “enxergar ou avistar”, mas sobretudo do que é possível sentir ou acessar pelos sentidos que constituem nossas percepções. Ler o mundo por meio das cores, através dos aromas, sabores, pelas experiências e vivências construídas no espaço da escola, da família, do lugar em que se vive pode ser um caminho para a compreensão e entendimento da geograficidade, também entendida como “experiência geográfica” (DARDEL, 2011). De modo geral, o Ensino da Geografia no Ensino Fundamental I, pode ser um caminho para despertar no aluno o encantamento e interesse por “ver” o mundo através de suas concretudes e subjetividades, e pode ainda, ser condição essencial para formar um indivíduo que reconhece no mundo vivido (a partir de seus lugares), os processos, as conexões, as formas, os fluxos e as dinâmicas materiais e imateriais que inicialmente se apresentam no espaço, contribuindo para a construção de conceitos e novas aprendizagens escolares e cotidianas.

Nessa tarefa de ensinar “a ler o mundo”, a Geografia de maneira privilegiada dispõe de métodos, perspectivas, conceitos, além de metodologias que permitem fazê-lo de maneira ímpar. Dentre as metodologias (e porque não considerar como um tipo de experiência geográfica?) ressaltamos a importância do Trabalho de Campo na consolidação de “um olhar e um pensar geográfico” como se pode constatar em um resgate da tradição em Humboldt a partir de seus “Quadros Geográficos”, visto que através deste “movimento” é

possível analisar e desvendar *in loco* o espaço e suas nuances, considerando sua totalidade e também suas especificidades (SERPA, 2006).

Através do Trabalho de Campo, das viagens ou do “deslocar-se no espaço”, a Geografia desde seus primórdios veio se consolidando a partir da observação e da descrição dos percursos e lugares, indicando um tipo de prática ou ação que busca nos despertar para o entendimento das relações existentes no mundo, com base no que vivemos dele em sua materialidade e imaterialidade (BUTTIMER, 1982). Para tanto, é preciso transpor as salas de aulas (e os laboratórios) e romper com qualquer atitude estática, em busca por desbravar as inúmeras paisagens, no intuito de perceber como se dá essa aliança entre o tempo e o espaço, entre o homem e a natureza, entre o vivido e o percebido, entre o que se vive e o que se ensina (e apreende) na escola.

Por essa razão, o Trabalho de Campo é uma das metodologias de ensino e pesquisa utilizadas na ciência geográfica, não apenas no ambiente acadêmico daqueles que estão em busca por se constituir geógrafo(a)s, mas também nos espaços escolares, onde o Trabalho de Campo parte de um entendimento educativo e pedagógico de Estudo do Meio, tendo por objetivo exclusivo, proporcionar aos estudantes (de diversos níveis) uma aprendizagem “além” da sala de aula, ou mesmo da escola.

O Estudo do Meio, embora não seja de uso exclusivo da Geografia (visto sua importância em Diretrizes e Parâmetros Curriculares da História e da Biologia, por exemplo), oferece bases teóricas e práticas que podem potencializar a aprendizagem de conceitos geográficos, permitindo a conexão com áreas e disciplinas afins e ainda, estabelece uma visão complexa no entendimento dos elementos sociais, culturais, históricos e naturais através das paisagens e lugares vivenciados.

Embora a utilização do Estudo do Meio como metodologia de ensino não esteja vinculada a um ano escolar específico, nos anos iniciais a sua utilização é de grande relevância para iniciar e consolidar uma proposta e um processo de alfabetização geográfica, “que, ao longo da escolaridade, familiariza o aluno com aspectos teóricos e técnicos da Geografia e o torna capaz de compreender as interações que se apresentam no espaço” (COSTELA e SCHÄFFER, 2012, p. 37). Para tanto, tem a função de revelar o espaço

enquanto objeto de estudo da Geografia, em busca por compreender as relações entre a Sociedade e a Natureza que o constroem, articulando um conjunto de habilidades como a observação, descrição, comparação de paisagens em diversos espaços e tempos e a percepção da organização espacial.

Da mesma forma, o Estudo do Meio se caracteriza por seu caráter formativo, provocativo e incentivador de um “olhar” que a ciência geográfica nos oferece na tentativa de ler o mundo a partir da sua organização, dinâmica e fenômenos. Além disso, essa prática possibilita a aproximação do sujeito com o seu lugar de vivência, com as interações que ele mesmo estabelece com o meio e muitas vezes passam despercebidas, como se o indivíduo fosse mero espectador em um “palco de paisagens pitorescas. Por essa razão, a professora de Geografia Luiza Tomita (1999, p. 13) sugere que “o ponto de partida é o estudo da realidade a partir das áreas mais próximas dos alunos”, porém, é importante que essa realidade local seja constantemente relacionada ao mundo em toda sua complexidade, pois conforme Rosângela Doin Almeida e Elza Y. Passini “esse ensino só será transformador, na medida em que o lugar possibilite à criança o estabelecimento das primeiras relações deste com o mundo e vice versa” (ALMEIDA e PASSINI, 1991, p. 13).

Nesse sentido, o texto que ora se apresenta é resultado de leituras, reflexões, observações e experimentações construídas durante a disciplina de Ensino de Geografia I do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e tem como objetivo discutir as contribuições trazidas pelo Estudo do Meio na construção dos conhecimentos relacionados à Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O estudo se ampara em pesquisas e autores do Ensino de Geografia e da Pedagogia, assim como nos documentos oficiais da educação – Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental (BRASIL, 2018).

### **O ESTUDO DO MEIO COMO CAMINHO AO ENSINO DE GEOGRAFIA.**

Olhar o mundo com imaginação e curiosidade, é uma das formas de começar a sua leitura. Nessa busca por (re)conhecer esse mundo de cores, cheiros, sabores e sons, partir do lugar de vivência potencializa sobremaneira a compreensão que se tem sobre essa sintonia entre nós, nossas experiências e o mundo que nos cerca. Partindo deste entendimento, elege-se como tema e objeto de reflexão - além de motivador de uma proposição educativa - o Estudo do Meio no Ensino de Geografia, que na compreensão de Lopes e de Pontuschka (2009, p. 174) seria:

um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 174).

Dessa maneira, os autores colocam o Estudo do Meio como uma das possibilidades que a Geografia possui de apresentar o mundo aos alunos de uma maneira dinâmica, viva, dialógica e que permite desenvolver o “espírito” investigativo e crítico ao qual a escola se propõe a formar. Assim também defendem que através dessa prática o Ensino de Geografia promove uma aprendizagem que é baseada na interação com o meio e com o outro, em um processo de troca de experiências e discussão da realidade.

Em busca de um antecedente histórico para a consolidação do Estudo do Meio como metodologia de ensino, encontramos em Célestin Freinet (FREINET, 1975) um grande expoente para tal prática, visto que sua vida e obra se fundamentam em uma missão de aproximar a aprendizagem da vida da criança. Denominadas por Freinet de “aulas-passeio”, esses momentos proporcionam às crianças e aos professores uma nova forma de pensar e agir diante do mundo e das suas relações. Assim, a aprendizagem dos conceitos e as relações entre eles se torna mais atrativa para as crianças, na visão deste pedagogo, pois parte de uma realidade próxima a elas, e dá sentido às aprendizagens construídas no ambiente da sala de aula.

A aula passeio constituía para mim uma tábua de salvação. Em vez de me postar, sonolento, diante de um quadro de leitura, no começo da aula da tarde, partia com as crianças, pelos campos que circundavam a aldeia [...] quando voltávamos à aula, fazíamos no quadro um balanço do “passeio (FREINET, 1975, p. 23-24).

Freinet via nas aulas passeio uma maneira de aproximar a escola da vida, no intuito de fazer os estudantes compreenderem que esta não se encerra quando adentramos na escola. Ao contrário, o autor defendia a ideia de que é inconcebível separar tais espaços, pois a escola faz parte da vida do aluno, e um dos papéis do professor é estabelecer essa conexão de modo que fique claro para o estudante, as inúmeras relações que ele pode estabelecer entre os conhecimentos escolares e as experiências da vida (FREINET, 2004).

Apesar de Freinet não ter sido o único educador a defender e praticar o Estudo do Meio como metodologia de ensino, seu nome se consagra em uma Pedagogia que visa fornecer autonomia, participação e protagonismo da criança no processo educativo. Outro educador conhecido por trabalhar o Estudo do Meio foi Francisco Ferrer y Guardia<sup>2</sup>, que defendia uma educação popular que proporcionasse melhorias nas condições de vida sobretudo da classe operária. Por essa razão, adepto de uma Pedagogia Moderna, aplicou na educação espanhola metodologias com o uso de jogos, brincadeiras, e que pudesse fornecer bases para a emancipação dos alunos, ensinando-lhes valores como o respeito pelo próximo, igualdade e liberdade entre os indivíduos. Guardia defendia uma educação de base científica e integral, que envolvesse sentimentos e arte, de modo a torná-la mais sensível.

Segundo Ferrer Y Guardia (2010, p. 40)

A missão do ensino consiste em demonstrar à infância, em virtude de um método puramente científico, que quanto mais se conhecer os produtos da natureza, suas qualidades e a maneira de utilizá-los, mais abundarão os produtos alimentícios, industriais, científicos e artísticos úteis, convenientes e necessários para a vida, e com maior felicidade e profusão sairão de nossas escolas homens e mulheres

---

<sup>2</sup> Francisco Ferrer y Guardia se correspondia com o geógrafo Eliseé Reclus, compartilhando opiniões a respeito do tratamento burocrático e teórico oferecido às crianças durante seus primeiros anos na escola. Uma dessas cartas pode ser encontrada na obra de Reclus, “Escritos Sobre Educação e Geografia”, Editora Biblioteca Terra Livre, 2014.

dispostos a cultivar todos os ramos do saber e da atividade, guiados pela razão e inspirados pela ciência e pela arte, que embelezarão a vida e justificarão a sociedade. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 40).

Eliseé Reclus, geógrafo francês e grande entusiasta do Ensino de Geografia e dos “passeios geográficos” (o mesmo mantinha diálogos com Ferrer y Guardia) irá dizer em um texto originalmente publicado em 1903 intitulado “O Ensino da Geografia”, sobre que Geografia deveria ser ensinada para as crianças, afirmando que “[...] ao invés de raciocinar sobre o inconcebível, comecemos por ver, por observar e estudar o que se acha à nossa vista, ao alcance de nossos sentidos e de nossa experimentação” (RECLUS, 2015, p. 16).

Em outro momento, o autor afirma que

Se tivesse a fortuna de ser professor de crianças, sem ver-me fechado em um estabelecimento oficial ou particular, precaver-me-ia de começar a colocar livros e mapas nas mãos dos meus companheiros infantis; talvez nem pronunciaria ante eles a palavra grega *geografia*, mas sim os convidaria para longos passeios comuns, feliz de aprender em sua companhia (RECLUS, 2015, p.16).

Para Eliseé Reclus, é importante que as excursões e viagens tenham sobretudo o objetivo de divertir a criança, pois assim ela se sente convidada a aprender e saber mais, e a ter liberdade quanto àquilo que vê nas paisagens e lugares por onde passar, sem que esteja carregada de ideias que venham do adulto e não dela mesma em suas observações e percepções. Reclus afirma que

Cedo ou tarde, sempre tão pronto, chega o tempo em que a prisão da escola aprisiona a criança entre suas quatro paredes; e digo *prisão*, porque é o que o estabelecimento de educação quase sempre é, já que a palavra escola perdeu há muito tempo seu primeiro significado grego de recreio ou de festa (RECLUS, 2015, p. 19).

Nesse sentido, é importante conceber condições para que a criança possa experienciar o ambiente que a cerca dentro e (principalmente!) fora da escola, onde ela convive com outros grupos sociais como a família, os vizinhos, os colegas de brincadeiras na rua. Nesses lugares de vida se constroem



relações de saber que são importantes e devem ser aproveitadas pelo professor, ao tratar dos conteúdos geográficos. Os sentimentos envolvidos na experiência com a casa, a rua, os amigos, o entorno da escola, a praça do bairro, são elementos primordiais na construção das vivências das crianças, e todos eles podem ser potencializados a partir de práticas metodológicas que priorizem o contato das crianças com o meio em que habitam e interagem.

Dessa forma, a partir da década de 1960 os Estudos do Meio ganham força conceitual e prática para compor uma proposta de educação atraente e que pudesse derrubar as barreiras e fronteiras existentes entre o ambiente escolar e o espaço externo a ele, na tentativa de construir com o aluno a percepção de que o mundo tem muito a nos ensinar e, por isso, sua leitura é tão importante quanto as demais aprendizagens proporcionadas pela escola.

Do ponto de vista documental, na década de 1990 com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o documento destinado ao Ensino de Geografia traz de maneira muito sutil, uma discussão aprofundada sobre os Estudos do Meio e a sua importância na construção do conhecimento geográfico. Quando faz referência a essa abordagem, limita-se a apontar que ensinar Geografia baseando-se em metodologias como os Estudos do Meio se constituem como um forte potencializador das habilidades relacionadas à leitura da paisagem, e que incentiva o aluno a “[...] estabelecer comparações, interpretar as múltiplas relações entre a Sociedade e a Natureza de um determinado lugar” (BRASIL, 1998, p. 53).

Por outro lado, no PCN da disciplina de História, o Estudo do Meio é apontado como uma forma de permitir ao aluno compreender melhor o mundo em que vive, e a partir dos elementos naturais e culturais para fazer uma leitura de mundo coerente. De acordo com o PCN de História (BRASIL, 1998, p. 93)

O estudo do meio envolve uma metodologia de pesquisa e de organização de novos conhecimentos, que requer atividades anteriores à visita, levantamento de questões a serem investigadas, seleção de informações, observação de campo, confrontação entre os dados levantados e os conhecimentos já organizados por pesquisadores, interpretação, organização de dados e conclusões. Possibilita o reconhecimento da interdisciplinaridade e de que a apreensão do conhecimento histórico ocorre na relação que estabelece com outros

conhecimentos físicos, biológicos, geográficos, artísticos (BRASIL, 1998, p. 93).

Da mesma maneira, o PCN de História reflete sobre a importância do Estudo do Meio para potencializar o olhar espacial do estudante, permitindo a ele reconhecer o mundo a partir não apenas das materialidades distribuídas no espaço geográfico, mas sobretudo conseguir relacionar os objetos fixos com a fluidez presente nas paisagens, as construções sociais e históricas que contribuem para a configuração da paisagem atual, e os processos culturais expressos nos diversos locais de vivências. Dessa maneira “[...] o estudo do meio é, então, um recurso pedagógico privilegiado, já que possibilita aos estudantes adquirirem, progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo” (BRASIL, 1998, p. 94).

Mais recentemente, passados vinte anos da publicação dos PCNs, o novo documento orientador do currículo e das práticas docentes é a Base Nacional Comum Curricular, a BNCC. Nela, o Estudo do Meio recebe o nome de “Trabalho de Campo”, porém aparece no documento apenas uma vez para concordar que nos anos iniciais do Ensino Fundamental essa prática deve ser utilizada como potencializadora dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, contribuindo para a construção do conhecimento das crianças referente às questões ligadas ao espaço geográfico e suas nuances.

Segundo o documento, metodologias como o Trabalho de Campo podem potencializar os saberes das crianças quanto

à observação e o registro – de paisagens, fatos, acontecimentos e depoimentos – e o estabelecimento de comparações. Esses procedimentos são fundamentais para que compreendam a si mesmos e àqueles que estão em seu entorno, suas histórias de vida e as diferenças dos grupos sociais com os quais se relacionam (BRASIL, 2018, p. 353).

Logo, ambos os documentos apesar de falarem de maneira superficial sobre as práticas pedagógicas que envolvem o Estudo do Meio, apontam para a importância dessa metodologia como uma forma de aproximar o estudante das questões que se apresentam no dia a dia da cidade, do bairro, da escola, e que podem alterar de maneira direta ou indireta no cotidiano de cada aluno.

Embora não se deva esperar que uma criança de 7 ou 8 anos de idade saiba estabelecer conexões exatas entre aquilo que ela vê nas paisagens e lugares, e como essas relações interferem no seu cotidiano, é de tamanha importância que sejam apresentadas a elas, maneiras de ler o mundo a partir do seu local de vivência (STRAFORINI, 2001). A partir desse estímulo, e levando em consideração as experiências trazidas pela criança dos seus outros ambientes relacionais, torna-se mais fácil fazê-la ter curiosidade pelos caminhos que vê, observa e percorre.

### ***PENSAR O ESPAÇO DA CIDADE A PARTIR DE UM ESTUDO DO MEIO.***

Refletindo sobre as possibilidades de aprendizagem que são proporcionadas pelo Ensino de Geografia no tocante à percepção do mundo e sua leitura, e sobre o encantamento ao qual a criança é provocada a partir de metodologias de ensino como o Estudo do Meio, Straforini (2001, p. 88) afirma que

quando uma criança entra na escola fundamental, uma nova fase da sua vida se inicia. Tudo o que ela mais quer é aprender. Essa ansiedade não se resume a ler, escrever e fazer operações matemáticas, mas também desvendar suas inúmeras indagações sobre o mundo que a cerca, as coisas naturais e humanas, o mundo da televisão, do rádio e do jornal, um mundo que é distante, mas ao mesmo tempo próximo (STRAFORINI, 2001, p. 88).

Dessa forma, o papel do professor está em incentivar que essa curiosidade seja suprida não apenas a partir de conhecimentos teóricos, mas sobretudo “de tudo que puder ser observado e analisado” com base em atividades práticas, tais como o Estudo do Meio. Com isso, não queremos afirmar que tal metodologia se constitui como uma tarefa fim, ao contrário, acreditamos que a partir de uma aula em um espaço externo à classe podem sair inúmeras propostas de atividades, jogos, brincadeiras, construções literárias, visuais, escritas e sonoras.

Nesse sentido – e retomando o pensamento de Tomita (1999), Almeida e Passini (2001), sobre partir da realidade da criança para fazê-la perceber a Geografia como uma possibilidade de construção da leitura do mundo – propomos uma ideia de pensar o espaço (suas paisagens e lugares) da cidade

a partir do Estudo do Meio. Nessa lógica, o (a) professor (a) pode propor um roteiro que contemple os principais referenciais históricos que deram origem à cidade, provocar a reflexão dos alunos a respeito da presença de elementos naturais e culturais da paisagem coexistindo em um mesmo espaço, ou mesmo as mudanças e permanências das formas e funções da cidade, como uma maneira de compreender o espaço urbano (SANTOS, 1978), com todas as suas nuances – seus aromas, cores, fluxos, fixos, sons.

Experienciar a cidade através do caminhar, pode ser uma forma de conhecer a realidade que nos cerca (ou de “ler o mundo”) e de acessar um conhecimento de si conforme explana Fernandez (2008), pois, este observador geógrafo “por vir” acessa o espaço e revela “uma geograficidade do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2011, p.2), produz espacialidade ao se deparar com os sujeitos da cidade e suas práticas, suas trajetórias cotidianas e seus espaços de habitação, as desigualdades sociais, a multiplicidade de culturas, histórias, memórias, práticas de lazer, a instabilidade ou a segurança, que poderá estabelecer um itinerário de lugares.

Para tanto, pode-se atribuir a esses locais seus cheiros característicos, sons, objetos dispostos ou suas cores. Tais sentidos são bastante explorados pela criança, e as auxiliam na resignificação dos lugares e das paisagens. Assim, podemos afirmar que a experiência e o sentimento tornam-se muito próximos, visto que, à medida que a criança cresce, suas experiências visuais e sensoriais lhes remetem lembranças e pensamentos relacionados à construção do sentimento sobre aquele lugar ou suas particularidades.

Essa experiência, entendida por Tuan (2013, p. 19) como “as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”, é essencial para potencializar na criança a sua imaginação e o seu envolvimento em relacionar os lugares próximos às coisas locais com aquelas somente imaginados que estão longe da sua realidade, pois “para uma criança inteligente e esperta, a experiência é uma procura ativa e em que, algumas vezes, faz extrapolações surpreendentes para além dos fatos: ela não se prende ao que vê ou sente em sua casa e em seu bairro” (TUAN, 2013, p 45).

Utilizar portanto, o Estudo do Meio, como uma metodologia para pensar o espaço da cidade e para gerar “novos conhecimentos sobre o território, lugar

e paisagem geográfica e a importância desses conceitos para o entendimento do espaço globalizado em que vivemos” (RADTKE, 2017, p. 49), envolve objetivos básicos como olhar mais atentamente para a cidade, suas formas, funções, e imaterialidades. Desse ponto, o aluno de acordo com o seu nível de ensino estabelece questionamentos, aguça o olhar sobre o que se vê e constrói relações entre os conteúdos vistos na escola e suas vivências na cidade.

### ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

Em uma constante busca pela melhoria do Ensino de Geografia na educação básica, procuramos incessantes formas de chamar a atenção do aluno para o encantamento com esta disciplina e as discussões que ela proporciona sobre o mundo. Com isso, lutamos para que as crianças sejam capazes de realizar a leitura do mundo, ou seja, que consigam estabelecer relações entre o que elas são capazes de ver, sentir, perceber, e gradativamente compreender de que forma a organização espacial influencia no cotidiano de cada uma delas, além de estimulá-las na sua própria identificação pessoal em relação aos lugares.

Para tanto, sugerimos nesse escrito que o Estudo do Meio seja uma potencial metodologia de ensino e aprendizagem na Geografia, e que através da sua prática – seja em trajetos curtos ao redor da escola – ou em caminhos mais distantes daquilo que é dado como realidade do aluno, seu uso possa fortalecer o aprendizado a respeito das formas da natureza e da sociedade, da interação entre ambas e dos resultados que somos submetidos todos os dias a partir dessa relação.

Nesse texto propomos o uso do Estudo do Meio no ambiente urbano, porém não há qualquer empecilho quanto à prática dessa metodologia em outros ambientes de ensino, resguardadas as particularidades e características de cada um, pois como vemos, partir da realidade da criança é importante para que ela consiga entender o mundo à sua volta, ter curiosidade sobre os eventos cotidianos, enxergar o seu lugar de vivência a partir das suas experiências anteriores, seus aspectos visíveis e invisíveis, de modo que perceba que o mundo é constituído não somente de materialidades, mas

sobretudo daquilo que compreendemos sobre ele com base em suas imaterialidades e nossas trajetórias de vida.

Cabe destacar que a discussão construída aqui não se esgota, e que é de extrema importância pensar, criar e estudar formas de tornar o Ensino de Geografia mais dinâmico e atrativo para as crianças independentemente do seu nível de ensino, de modo que a escola possa tornar-se um local de atração para elas, e que fique cada vez mais visível que o ambiente escolar faz parte da vida, do cotidiano, da rotina, por isso são indissociáveis e se complementam na tarefa de educar para a formação dos diversos saberes.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, R. D. de.; PASSINI, E. Y. **O Espaço Geográfico: ensino e representação**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

ALVES, Rubem. **Se eu pudesse viver minha vida novamente: textos selecionados**. Campinas: Verus, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, 2018.

BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In.: CRISTOFOLETTI, Antônio (org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

COSTELLA, Roselane Zordan; SCHÄFFER, Neiva Otero. **A Geografia em Projetos Curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edelbra, 2012.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERNANDEZ, Pablo S. M. **Narrativas Urbanas de um Caminhante**. Dissertação (Mestrado em Educação). UNICAMP: Campinas, 2008.

FERRER Y GUARDIA, Francisco. **A Escola Moderna**. Piracicaba: Ateneu Diogo Gimenez, 2010.

FREINET, C. **As técnicas Freinet da Escola Moderna**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. In\_\_\_\_\_ Col. Questões da Nossa Época. Editora Cortez, São Paulo, 1985.

LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia N. **Estudo do meio:** teoria e prática. **Geografia**, Londrina, v. 18, n. 2, 2009  
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/> Acesso em 28 de novembro de 2018.

RADTKE, Domitila Theil. Estudo do Meio e a Cidade: propostas didáticas para o ensino de Geografia. In.: OLIVEIRA, Karla Annyelly Teixeira de; PIRES, Lucineide Mendes (ORGS.) **Ensinar Sobre a Cidade**. Coleção Docência em Geografia. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2017. 109p.

RECLUS, Elisée. **Escritos sobre Educação e Geografia**. São Paulo: Terra Livre, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 7-24, 2006.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia:** o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2008.

TOMITA, L. M. S. Trabalho de campo como instrumento de ensino em **Geografia**. **Geografia**, Londrina, v.8, n.1, p. 13-15, jan/jun 1999.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.